

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

**CONFLITO E CONFIGURAÇÃO: INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM
FREUD E ELIAS**

Bolsista: Felipe Iرنaldo Cruz da Costa, CNPq

MANAUS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0050/2011

**CONFLITO E CONFIGURAÇÃO: INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM
FREUD E ELIAS**

Bolsista: Felipe Iرنaldo Cruz da Costa, CNPq

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva

MANAUS

2012

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
3. FREUD: PSICANÁLISE E CIÊNCIAS SOCIAIS.....	15
A atmosfera de desenvolvimento da sociologia.....	21
4. CIVILIZAÇÃO E MAL-ESTAR.....	25
Civilização: um mal-estar histórico.....	26
O domínio das regras.....	28
5. MOZART: UMA ANÁLISE ALÉM DO INDIVÍDUO.....	32
4. FONTES REFERÊNCIAS.....	38
5. CRONOGRAMA.....	39

1. Introdução

A relação entre indivíduo e sociedade sempre se converteu em um problema teórico de fundo para a constituição da sociologia como ciência, e isso a tal ponto de essa relação motivar o surgimento de diferentes modelos que tendem a privilegiar a dimensão do sujeito, e por outra ótica, enaltecem o papel da sociedade.

Tal discussão atravessou ideias como o do *homo economicus* e do *homo sociologicus*, passando por todos os momentos de discussão de caráter social. Nesse sentido, poderíamos utilizar uma gama de autores que, se por um lado destacam o papel do utilitarismo na ação humana, por outro revelam a importância da atuação dos grupos sociais em tal sentido. Como um clássico da sociologia, Max Weber corresponde em grande parte a tal papel, destacando que os diversos fatores que levariam os diferentes sujeitos sociais a tomar determinadas atitudes não poderiam ser reduzidos a motivações de ordem econômica ou religiosa, por exemplo. A complexidade de sua metodologia decorre dessa necessidade do sociólogo buscar definir, a partir de suas escolhas metodológicas, os elementos que fazem sentido na condução de determinada ação (cf. Weber, 1986 e 2000). Dessa maneira, fica exposto que cabe ao investigador definir um caminho plausível para a mediação entre os fatores de interferência e os sujeitos de atuação social.

Nas trilhas desse problema, poderíamos citar ainda Émile Durkheim, um dos teóricos determinantes para a formação da sociologia enquanto ciência, e que combateu a ideia utilitarista do *homo economicus* ao salientar que não só uma gama maior de fatores atuava na própria valorização da economia como instância a ganhar certa relevância na sociedade moderna. Durkheim buscou ressaltar em seus trabalhos a existência de uma ordem superior própria do mundo social que acaba por fazer ingerências cruciais na vida dos diferentes indivíduos. A ideia de indivíduo, neste sentido, seria um desdobramento necessário dessa

instância maior diretamente vinculada à ordem moral, o verdadeiro alvo e objeto de investigação da sociologia.

Dentre tantos autores que possuíram *insights* sobre determinado tema, encontramos ainda Georg Simmel, que atestou com clareza a inexistência de autonomia do indivíduo em relação à sociedade, e vice-versa. (cf. Waizbort, 1999). Se empreendermos uma busca teórica com o intuito de elucidarmos tal questão, chegaríamos aos pilares dessa dualidade entre indivíduo e sociedade, tais como expostos nos fundamentos sociológicos de Norbert Elias e sua respectiva aplicação explícita dos ganhos teóricos oriundos da psicanálise emergida de Sigmund Freud.

Freud, por diversas vezes durante sua trajetória, esteve presente em situações que, se por um lado esclareceram seus questionamentos em relação a grupos sociais e sua atuação nas patologias neuróticas que tratava, por outro, abriram uma margem instigadora e que tendia a chamá-lo para uma investigação social e antropológica mais profunda. É assim, por exemplo, em relevantes obras como em *Psicologia das massas e análise do eu*, e mais claramente em textos como *Totem e tabu* e *Mal-estar na civilização*.

Os conflitos emergidos da sociedade vienense de fins do século XIX, a revolução político-social em curso, as experiências marcantes na efervescente cidade de Paris atreladas a sua breve experiência no atendimento às patologias comportamentais de seus pacientes, instigam em uma apuração concisa do que realmente permeou a psicologia social freudiana.

É exatamente no cerne dessa “psicologia social” que reside a configuração teórica de significativa parte dos escritos Norbert Elias. A relação entre indivíduo e sociedade estampada em obras seminais do sociólogo alemão, como *Mozart, sociologia de um gênio*, *O processo civilizador* e *A sociedade de corte*, revelam posições teóricas relevantes sobre os variados

atores sociais e sua relação com uma determinada massa, com certa vinculação aos fundamentos teóricos do fundador da psicanálise.

A demonstração acerca de como o processo civilizador, no decorrer do tempo histórico, fez com que as variadas atitudes dos diferentes indivíduos em interação social fossem gradativamente se modificando, é um único exemplo dos vários argumentos de Norbert Elias que podem facilmente ser encontrados em determinados textos teóricos de Sigmund Freud.

2. Fundamentação Teórica

O entendimento do que consiste a sociologia enquanto ciência sempre permeou a relação entre indivíduo e grupo social. Desde seu princípio, enquanto movimento científico originário do século XIX, uma ampla gama de autores e escritores fizeram contribuições acerca desses dois vetores, cadenciando inúmeras interpretações sobre o cotidiano das mais variadas sociedades na tentativa de se chegar a um termo.

Dentre os vários pressupostos teóricos elaborados com o intuito de formular um conteúdo mais preciso acerca da temática, é possível identificar a elaboração conceitual do *homo economicus* e do *homo sociologicus* que, por um número demasiado de vezes, converteram-se em categorias centrais quanto à sua validade explicativa da realidade social. De forma mais precisa, podemos utilizar o sociólogo alemão Max Weber que, embora caminhasse em uma linha de pensamento convergente para uma postura individualista do ator social, tal qual apontado pela ideia clássica do *homo economicus*, se contrapôs a tal perspectiva, revelando a necessidade de se buscar novos elementos que pudessem explicar as ações de cada indivíduo.

Weber salienta tal posição em “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”, quando afirma um conjunto de caracteres subjetivos que permeiam a extensão das posições do indivíduo dentro daquilo que fazia parte de sua sociologia compreensiva, sem a perda das amarras que tal postura pode ter com a ordem material.

A influência direta das relações sociais, instituições e grupamentos humanos, submetidos à pressão de interesses “materiais”, estende-se (muitas vezes de modo inconsciente) por todos os domínios da cultura, sem exceção mesmo dos mais delicados matizes do sentimento estético e religioso. (WEBER, 1986, p.81)

Como resultado de tal postura teórica, a assertiva de que não se pode limitar a interpretação da ação social apenas às ordens econômica e/ou religiosa, por exemplo, tomava corpo e forma. O indivíduo possui um conjunto de outros fatores determinantes para incitar suas ações.

Finalmente, uma tentativa muito comum para manter apesar de tudo o significado preponderante da economia consiste em interpretar as constantes cooperações e interações dos diferentes elementos da vida cultural como *dependendo* causal ou funcionalmente uns dos outros, ou melhor ainda, de um único elemento: o econômico. (WEBER, 1986, p. 86) (grifos do autor)

Para Weber isso não implica dizer que as questões econômicas não importam quanto às ações sociais, mas sim que são tão fundamentais quanto os outros caracteres e aspectos presentes na vida do indivíduo. Muito mais do que interpretar os grandes grupos sociais, a sociologia busca encontrar “uma causa adequada para o comportamento do homem”. A busca pelo conhecimento do indivíduo e os elementos que configuram sua respectiva posição na sociedade ainda permanece viva. Por conseguinte, se tornava cada vez mais improvável estabelecer uma metodologia sólida de compreensão da ação individual, cabendo à criatividade dos investigadores o estabelecimento de fundamentos mais abrangentes para compreensão desse problema.

Em uma posição antagônica a Weber, por seu turno, podemos citar o sociólogo francês Émile Durkheim. Da mesma forma que o sociólogo alemão, Durkheim possuía uma ideia combativa ao princípio utilitarista a sustentar o princípio do *homo economicus*, afirmando em suas obras o papel de uma ordem maior, bem mais ampla que os fatores econômicos no cotidiano dos indivíduos (cf. Durkheim, 2000). Para o autor francês, é possível afirmar que os próprios fatores que derivam dos aspectos econômicos podem ser gerados por questões ligadas a uma ordem moral, cuja interpretação deve ser o fundamento elementar da investigação sociológica.

Em *Da divisão do trabalho social*, alguns elementos podem ser destacados, principalmente quando são apresentados os fatores que, para Durkheim, possuem ligações com a formação de grupos sociais e seus objetivos. Existe, então, uma necessidade do indivíduo em integrar-se a um grupo como forma de assegurar um “conforto” de ordem moral, uma segurança enquanto membro de uma instituição superior que possua determinada rotina.

Eis por que, quando alguns indivíduos que possuem interesses em comum se associam, não é apenas para defender *esses* interesses, é para se associar, para não se sentir mais perdido no meio dos adversários, para ter o prazer de comungar, de formar com vários um só todo, isto é, enfim, para levar juntos uma mesma vida moral. (DURKHEIM, 2000, p.22) (grifos do autor)

Fica em destaque a posição antagônica entre Weber e Durkheim no que concerne ao sentido dos vetores a sinalizar a multiplicidade dos fatores determinantes para a ação social, e isso na medida em que cada um se situa a partir de perspectivas diferentes em relação ao papel do indivíduo no âmbito do tecido social. Se, por um lado, Weber enaltece o papel do indivíduo como matriz da construção do contexto social, por outro, Durkheim ressalta a abrangência do tecido social a interferir nas ações dos indivíduos.

A interpretação da relação entre indivíduo e sociedade converteu-se em ponto de tensão entre a teoria sociológica de Durkheim e as formulações de Weber, tensão esta que acabou por propiciar a outros teóricos novas possibilidades de fundamentação sociológica. Nessa gama de autores, podemos citar outro importante autor vinculado à sociologia e que foi bastante preciso ao se referir à problemática da relação entre indivíduo e sociedade: Georg Simmel.

Simmel, de forma diferenciada de Durkheim e de Weber, forjou um modelo teórico de análise social onde tanto o indivíduo quanto a sociedade tendiam a confluir de forma relativamente integrada, unidos a partir de uma dependência entre os dois polos. Inexistem

para Simmel indivíduo e sociedade como entes separados. Para ele, o indivíduo não pode estar desvinculado da sociedade e esta, por sua vez, não pode estar desvinculada do seu pressuposto, o indivíduo. Esse posicionamento é destacado por Waizbort (1999), onde é feita uma alusão ao autor alemão de origem judaica. Logo Waizbort evidencia os pontos de vista da sociologia simmeliana.

As relações nunca são sólidas e petrificadas; a cada instante ou elas se atualizam, ou se esgarçam, ou se fortificam, ou se mantêm ou se enfraquecem. Mas, como quer que seja, há a cada instante algo vivo, em processo. A primeira, e talvez a mais importante, decorrência disso diz respeito à relação, e aos conceitos, de indivíduo e sociedade. Não há “indivíduo”, mas apenas, e precisamente, “indivíduo” na sociedade; não há “sociedade”, mas apenas, e precisamente, “sociedade” no indivíduo. Em outros termos: os indivíduos fazem a sociedade e a sociedade faz os indivíduos. (WAIZBORT, 1999, p.92)

Os fundamentos de Simmel no que concerne a esse aspecto são claramente percebidos quando adota, por meio de uma análise microscópica, a relação que se estabelece entre homem e mulher, por exemplo. Waizbort explicita tal fundamento ao comentar a síntese do pensamento simmeliano no que concerne ao coquetismo.

O jogo da coqueteria é um jogo que ela e ele jogam em conjunto, depende de uma relação de interdependência que se tece entre eles. Nenhum deles pode jogá-lo sozinho. Jogar é, sempre, jogar com. (WAIZBORT, 1999, p.106)

“Jogar sozinho”, nesses termos, é uma locução que deve desaparecer do ponto de vista social. É possível dizer que a própria terminologia “jogo” já denota uma atividade que somente ganha dinâmica se praticada por mais de um indivíduo. E adentrar nesse jogo, de certo modo, é corresponder a uma determinada prerrogativa, seja ela pessoal ou não. Torna-se evidente, então, que a relação entre indivíduos está principalmente ligada aos interesses de cada um. A constituição de um grupo social não está ligada à formação de uma instituição maior. Podemos afirmar que está associada ao suprimento dos interesses dos membros que dela fazem parte, independente de quais sejam tais interesses.

Simmel, dessa forma, se consagra como um dos autores que mais se aproxima de uma solução plausível sobre essa relação entre indivíduo e sociedade. Em *O declínio dos mandarins alemães*, de Fritz Rínger, essa postura de Simmel pode ser até justificada.

Assim, um traço característico de Simmel foi não ter procurado traçar uma linha muito clara entre a psicologia individual e a social. Apenas enfatizou o interesse do sociólogo pela interação social e pelas influências interpessoais. Aparentemente estava preparado para aceitar quaisquer sugestões úteis que toda espécie de psicologia pudesse oferecer-lhe nesse campo. (RINGER, 2000, p. 167)

Em outro olhar, Waizbort chega a destacar a aproximação teórica dessa microsociologia simmeliana com os fundamentos apresentados por outros autores, como o também alemão Norbert Elias. Os alemães, talvez pelo fato de estarem inseridos no mesmo ambiente histórico e cultural singular, possuem fundamentações teóricas bastante próximas. A questão acerca do que então fora produzido por Simmel e sua possível influência em outros autores pode estar enraizada no fato de seu conteúdo social possuir uma riqueza teórica derivada das configurações acadêmicas da época. Grande parte de suas teorias, principalmente no que concerne a conflitos de associação, podem ser identificadas em um determinado viés de interpretação daquilo que formula os conceitos de indivíduo e grupos sociais. Fica evidente que parte desses conteúdos estava interligada com a peculiaridade da realidade cultural alemã.

Muitas dessas ideias têm algo familiar. O debate sobre subordinação reflete a preocupação dos mandarins com o estilo mutável da política nos tempos modernos. A originalidade de Simmel reside na sutileza de suas distinções e nos brilhantes *insights* que transmitia por meio de muitos exemplos vividos. Além disso, suas ideias sobre metodologia exerceram profunda influência no desenvolvimento posterior da sociologia alemã. Foi reconhecido como criador da orientação “formal” no seio da nova disciplina. Leopold von Wiese e outros sociólogos alemães da década de 1920 devem muito à distinção de Simmel entre as formas e os conteúdos dos modelos sociais. (RÍNGER, 2000, p. 171)

Se avançarmos ainda mais nesses argumentos acerca da relação entre indivíduo e sociedade, também podemos buscar os fundamentos da psicanálise de Sigmund Freud. O fundador da teoria psicanalítica, uma vez inserido no mesmo contexto histórico e cultural de

Simmel, fundamentava a sua compreensão da vida psíquica do indivíduo sempre em relação a um grupo social (cf. Enriquez, 2005). Freud evidencia isso em *Psicologia das massas e análise do eu*, logo em seus primeiros parágrafos.

A psicologia de massas, embora se ache apenas no início, compreende uma vasta gama de problemas e coloca para o pesquisador incontáveis tarefas, que ainda não foram sequer diferenciadas. A mera classificação dos vários modos de formação das massas e a descrição dos fenômenos psíquicos por elas manifestados requerem um enorme trabalho de observação e exposição, e já deram origem a uma opulenta literatura. (FREUD, 2010, p.14)

Para Freud, é preciso ir além de uma mera compreensão do que são as massas sociais. Ora, se a formação psíquica dos grupos sociais deve ser ressaltada em função de um melhor entendimento dos fundamentos psíquicos de tais agrupamentos de indivíduos, os fundamentos psíquicos dos próprios indivíduos estão diretamente relacionados com as características de tais grupos sociais. No artigo intitulado “Psicanálise e ciências sociais”, de Eugéne Enriquez (2005), essa relação entre as teorias de compreensão do indivíduo e de seu grupo social através da psicanálise fica evidente.

[...] a psicanálise não é apenas a ciência da psique individual, mas também aquela das interações entre os diversos indivíduos, dos processos de identificação, de projeção e da formação de fantasias ativadas nas inter-relações e que desorientam a realidade psíquica dos indivíduos, aquela das “alianças intersubjetivas” (KAËS, 1994) que se atam e desatam no campo social, que lhe dão forma ou que trabalham por sua implosão. (ENRIQUEZ, 2005, p. 156)

Se a psicanálise transpassa o limite de compreensão de um grupo social, podendo interpretar as motivações das ações de cada indivíduo que faz parte dele, ela adquire um fundamento que se aproxima de uma espécie de ciência social. É bem verdade que, invariavelmente, as ciências sociais estão pautadas por relações de ordem objetiva e, em contrapartida, a psicanálise esteja mais diretamente vinculada aos processos inconscientes/subjetivos que fazem parte desta criação. Compete então às ciências sociais

interpretar como o sujeito sente determinadas pressões sociais, mas, principalmente, estabelecer uma busca pelo entendimento de onde essas pressões partem.

Depreende-se, então, que as ciências sociais e a psicanálise, tal como apregoada e exercida por Freud, acabam por possuir um objetivo comum: interpretar o modo de “evolução do laço social” (cf. Enriquez, 2005). Posteriormente, ainda destacando a influência de Freud, é possível afirmar que várias de suas contribuições foram tão decisivas no campo da psicanálise quanto nas novas configurações que eram estabelecidas pelas ciências sociais.

Os fundamentos encontrados em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*, além de estarem inclusos no texto inaugural daquilo que consistia uma espécie de psicossociologia (ou ciência das massas) de organizações sociais e instituições, acabaram por servir de inspiração para importantes debates acerca dos elementos que contornam tanto o indivíduo, quanto a sociedade (cf. Enriquez, 2005). Podemos citar aqui o sociólogo alemão Norbert Elias que produziu fundamentos semelhantes: tanto aos conteúdos estipulados por Simmel, quanto pela interpretação elaborada por Freud. De forma proporcional, indivíduo e sociedade são os elementos que movimentam as discussões de tais autores.

Tal semelhança teórica entre esses teóricos pode ser explicada também pelo contexto cultural em que ambos estiveram inseridos. Em *O declínio dos mandarins alemães*, de Fritz Rínger, ficam explícitas as interferências do ambiente cultural da Alemanha do início do século XX (cf. Ringer, 2000). A crise da academia alemã, então pautada pelo princípio da formação humanística, foi crucial para que um conjunto expressivo de intelectuais refletisse de maneira peculiar acerca da sociedade.

Mais uma vez, deparamo-nos com o difícil problema do declínio e da revitalização. Na psicologia, como em qualquer outra disciplina, muitos eruditos alemães das décadas de 1890 e 1920 assumiram o papel de inovadores revolucionários. Atentos à discutidíssima necessidade de um

renascimento intelectual e espiritual, acharam difícil fazer justiça aos seus predecessores. (FREUD, 2010, p.14).

Além do mais, afirmar que a sociologia praticada por Norbert Elias se aproxima dos fundamentos da psicanálise de Sigmund Freud, por exemplo, possui um viés de coerência, uma vez que ambos buscaram fazer uma análise interpretativa que vai além do contexto social dos indivíduos, do ator social em si. Elias e Freud buscaram estabelecer também uma análise do grupo social, análise esta vinculada aos outros temas de interferência do próprio indivíduo por meio de uma espécie de “socioanálise”, como pode ser constatado em *Mozart: sociologia de um gênio*, de Elias.

O resultado dessa influência de Freud na obra de Elias pode ser detectado em obras como *O processo civilizador* e *A sociedade de corte*. Em Freud, os fundamentos que se assemelham a um estudo sociológico ficam claros em obras como *Totem e tabu* e *O mal-estar da civilização*, por exemplo.

FREUD: PSICANÁLISE E CIÊNCIAS SOCIAIS

O diálogo entre psicanálise e ciências sociais, a princípio, pode suscitar alguma estranheza e alguma incoerência na medida em que a primeira está voltada para os fenômenos psíquicos, vinculada, portanto, à ordem da subjetividade, e as segundas dedicam-se aos aspectos mais objetivos relacionados às instituições sociais, por exemplo.

Apesar de parecer arriscado analisá-las buscando certas intersecções entre ambas, essa tarefa se converte em um empreendimento sociológico relevante, uma vez que as duas ciências efervescentes em momentos similares, o que, por si só, já pode ser uma evidência de proximidade.

Tanto a sociologia quanto a psicanálise estão de algum modo tentando encontrar explicações para o comportamento humano e, apesar das metodologias serem diferenciadas, elas permitem ao investigador justificar ou compreender o que leva determinados indivíduos a manifestarem comportamentos diversos de acordo com o espaço social de que fazem parte. Entender, por exemplo, o que leva o ser humano a se apaixonar por sua própria cria, a princípio, pode aparentar uma banalidade, a menos que se olhe para esse fato social em uma sociedade extremamente conservadora, em que tal atitude se converte em tabu. O que é interessante observar é que o ato de cometer incesto em algumas sociedades pode não ser tabu e daí surge, portanto, o papel de tais ciências no trabalho de desvendar os motivos pelos quais esses atos se tornam estranhos a um grupo social e a outros não.

Nesse sentido, fatores fundamentais são estabelecidos por ambas as ciências, complementando-se com diversas metodologias que auxiliam não só a explicação do fato social, mas, principalmente, no refinamento de ambas disciplinas enquanto potenciais integrantes do movimento científico. Esse elemento converte-se em fator fundamental para

um momento histórico em que tanto a psicanálise quanto a sociologia precisam se afirmar em tal campo e ser reconhecidas como ciência.

No desenvolvimento científico da psicanálise e das ciências sociais, a busca pela distinção que cada uma teve reverberou em metodologias diferentes, o que não poderia ter sido de outra forma já que, se as duas caminhassem sempre juntas, poderiam ser confundidas como a mesma coisa. Entretanto, na busca por essa distinção, as duas passaram a ter linhas de raciocínio relativamente opostas, o que ocasionou ao longo da história uma separação cabal, a tal ponto de gerar certa estranheza imaginar qualquer tipo de ligação.

No entanto, é possível identificar algumas evidências da proximidade que a psicanálise possui em relação às ciências sociais, fruto da observação de algumas produções teóricas de Sigmund Freud, fundador da psicanálise.

Freud iniciou seus estudos psicanalíticos muito antes de suas publicações receberem reconhecimento no campo científico. Ao optar pela graduação em Medicina, um dos únicos cursos que pôde escolher em função da sua ascendência judaica, em 1873, já mostrava indícios de interesse da interpretação da psique humana, abandonando os estudos essencialmente biológicos pelas especulações filosóficas que tomavam conta de suas reflexões. Embora a curiosidade de Freud e seu interesse pelas ciências sociais¹ possam ser identificados de forma mais clara posteriormente, não seria um equívoco imaginar o grau de influência que tais análises sociais tiveram em seus estudos (cf. Roth, 2000).

Muito mais do que referências apenas sociais, os numerosos artigos arqueológicos encontrados em seu escritório denunciavam um intelectual com ânsia pela interpretação

¹ Vale dizer que o termo ciências sociais é usado aqui somente a título de informação, já que nessa época o conceito de ciências sociais é diferenciado do que temos hoje. A forma como está posto nesse trecho da pesquisa se refere ao entendimento atual que temos das ciências sociais.

histórica, uma clara característica do cenário intelectual de seu tempo, presente desde o início de sua formação.

A composição de seu capital simbólico teve influências das mais variadas, dentre elas, a do autor inglês Stuart Mill, que teria suas obras traduzidas pelo então estudante Sigmund Freud (Enriquez, 2005). Podemos ressaltar que a leitura e a tradução das obras do filósofo inglês colaboraram para a composição dos seus futuros estudos. Esse fato aponta também para certo apreço de Freud por especulações filosóficas, tendo como base uma incessante curiosidade por fenômenos políticos e sociais que, inclusive, o levaria a traduzir as obras de Stuart Mill (ENRIQUEZ, 2005). Chamava atenção de Freud a afeição do autor inglês pelo conhecimento em si, e combinava com a antipatia que ele tinha pelo conhecimento biológico puro desenvolvido pela medicina até então.

Conforme analisado por Schorkse (2000), seria possível destacar certa empatia do psicanalista em relação ao que chamava de “verdadeiros mestres”, um conjunto de autores de referência britânica que, igual a Mill, chamavam sua atenção por estarem imersos em um contexto político e social severo e racional.

Essa forte admiração pelo cenário político/social inglês em muito tem a ver com o cenário em que esteve imerso durante sua formação. Merece importância o contexto social em que Freud estava inserido e, principalmente, toda a atmosfera intelectual que respirava, principalmente pelo fato da Viena do fim do século XIX ter um decisivo papel no seu processo de formação intelectual. A tensão política que emergiu do conflito entre o liberalismo burguês e os conservadores tradicionais em relação à preservação e alteração dos valores austro-germânicos, e o conseqüente fracasso do projeto liberal, refletia um ambiente propício para se buscar um entendimento para todas as complexidades que se punham a partir de agora. A questão não se restringia à arena estritamente política, ela espalhava-se por

aspectos geracionais e artísticos (cf. Ringer, 2006). Tais aspectos foram suficientes para que o psicanalista pudesse ter percepções sobre problemas e neuroses que transpassassem as vontades humanas, encontradas em sua fase inicial de formação, presentes de forma mais incisiva durante sua maturidade.

Posteriormente, em 1886, recebe licença e viaja para a França, onde trabalha com Jean-Martin Charcot, um renomado psiquiatra do *Hospital Salpêtrière*, determinante historicamente para a interpretação de situações como histeria. Freud passa a atender, em grande parte, senhoras judias que possuíam um conjunto de sintomas de aparência neurológica, compreendendo paralisia, cegueira parcial, alucinações, perda de coordenação motora, de difícil diagnóstico quando utilizados os exames médicos tradicionais (cf. Roth, 2000). Parte dessas patologias, inclusive, já apresentavam indícios de ligações com o surgimento de tensões ou distúrbios sociais advindos de determinada coletividade, ou simplesmente pelo convívio familiar conflituoso. Experiências fundamentais tanto para a formação freudiana em relação à psicanálise, quanto para compreensão dos pontos que integram a psique individual e grupos sociais, fatores que vão muito além de patologias essencialmente cerebrais.

À medida que Freud prosseguia em sua clínica neurológica, sua curiosidade, imaginação e capacidade de teorização estavam em alta, exigindo tarefas e desafios intelectuais mais complexos. Suas investigações neurológicas anteriores, nos anos do Hospital Geral, tinham sido muito habilidosas, mas de um tipo convencional, e a essa altura, ao ponderar sobre a questão muito mais complexa das afasias, ele se convenceu de que havia necessidade de uma visão diferente do cérebro. (ROTH, 2000, p. 200)

Tal qual em Viena, o cenário parisiense também fora favorável para o amadurecimento intelectual de Freud. Conforme indicado por Schorske, em trechos de sua obra chamada *Pensando com a história*, o período na França fora determinante para os rumos que o psicanalista tomaria posteriormente.

Paris – e a percepção quase estereotipada que Freud teve da cidade – proporcionou o cenário ideal para receber de Charcot as concepções de distúrbio mental que abriram caminho para aquela província questionável da psique que nem o corpo, nem a mente pareciam controlar. (SCHORSKE, 2000, p.222).

Tais mudanças atravessaram, por exemplo, a própria personalidade intelectual fechada do fundador da psicanálise.

Nas belas cartas que escreveu para sua noiva e para sua irmã durante seu *Lehrjar* na capital francesa, o intenso e impressionável jovem Freud parece ter se aberto ao mundo das proibidas *fleurs du mal* que o Freud anglófilo e liberal até então havia rejeitado: a Igreja Católica Romana, o poder enfeitiçador da mulher e o poder das massas. (SCHORSKE, 2000, p. 220)

Conforme indicado por Michael S. Roth (2000) no texto *Freud, conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*, é posteriormente a esse período que passa a contar com ajuda de Josef Breuer, colega mais velho da faculdade de medicina com quem dialoga pela primeira vez sobre as ideias que resultaram nos seus primeiros artigos sobre a psicanálise. O primeiro caso clínico relatado, inclusive, se deve a Breuer, onde são descritos os métodos de tratamento dado à paciente Bertha Pappenheim, chamada de “Anna O.” em suas publicações.

Chama atenção pela primeira vez o método conhecido por “Cura pela fala”, ou “cura cartática”, onde o paciente debate sobre seus sintomas e, através de várias associações, avança minimizando seus sintomas, fazendo-os desaparecer gradualmente. (cf. Roth, 2000)

Baseado nessas experiências, avançando por um momento mais distinto em sua carreira, já no ano de 1914, é possível concluir que Freud dispunha de alguns dos fundamentos da psicanálise com um determinado viés social, agora de forma definitiva em parte de suas obras. Para ele, é possível constatar que, mesmo a psicanálise tendo tomado como tema a psique individual, esta não poderia deixar de tratar das bases emocionais como relacionadas com a sociedade (cf. Freud, 2006). Tal linha de pensamento precede os

fundamentos que tantos outros autores tomaram posteriormente, conforme explicitado em outra obra sua.

Em *O interesse científico da psicanálise*, daquele ano, Freud enfatizava a importância das disciplinas psicológicas e das disciplinas sociais enquanto formadoras de estudos do indivíduo e da sociedade. Dedicava então uma pequena parte de sua obra para expor tal aspecto. É claro ao falar das articulações entre neuroses e as relações sociais aí inclusas: “É verdade que a psicanálise tomou como tema a mente individual, mas, ao fazer investigações sobre o indivíduo, não podia deixar de tratar da base emocional da relação dele com a sociedade.” (FREUD, 2006)

Essa relação pode ser explicitada ainda quando Freud, em um breve comentário, enfatiza determinadas pressões sociais sob as quais os indivíduos são colocados desde a infância. Freud sublinharia, ainda, mais essa importância apresentada de maneira mais clara em *Totem e tabu*, por exemplo, pouco tempo depois. Para Enríquez (2005), é nesse primeiro momento que se pode estabelecer uma relação entre Freud e as ciências sociais de forma mais clara.

A ATMOSFERA DO SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA

É importante destacar que Freud foi contemporâneo de Émile Durkheim, considerado um dos fundadores da sociologia, o que nos leva a crer que ele, Freud, também esteve presente em um ambiente propício à formação das ciências sociais enquanto disciplina científica. É possível afirmar que o processo de formação da sociologia enquanto ciência deriva de um grande esforço de um conjunto de autores oriundos de um ambiente complexo da sociedade moderna.

As formulações teóricas de Durkheim, por exemplo, tomavam corpo em finais do século XIX, mais precisamente em sua última década, quando lançou *Da divisão do trabalho social* (1893) e *As regras do método sociológico* (1895), obras que refletiram a tentativa por parte do autor francês de conferir à nova disciplina uma aura de cientificidade.

Com inquietações similares e com o objetivo de legitimar seus estudos, tanto Durkheim quanto Freud concentraram seus esforços teóricos naquilo que consideravam mais pertinente. Devido ao contato com a medicina, Freud voltou suas atenções para o indivíduo e a tentativa de entender o que ocorre no âmbito da vida psíquica dos indivíduos por meio da psicanálise. Durkheim, por sua vez, canalizou seus esforços para uma dimensão igualmente psíquica da sociedade, entendendo esta instância abrangente como fator determinante do comportamento dos indivíduos. O importante a ser notado é que, apesar das distinções explícitas que podem ser traçadas ao relacionarmos ambos os autores, não é descabido dizer que seus objetivos eram, se não similares, mas simétricos.

Mas vale lembrar que o próprio Freud salienta em seus textos que nenhum indivíduo está dissociado de uma ordem social, e tal como uma rede de relações, contribui para a formação da subjetividade dos diferentes indivíduos, o que só confirma a relação a que nos propomos. A psicanálise, desta forma, não pode acanhar-se em compreender a psique humana

desconsiderando a inserção do indivíduo no âmbito mais abrangente da sociedade (Enriquez, 2005).

Vale notar, ainda, que as análises de Freud acerca de temas que buscam estabelecer um relacionamento entre indivíduo e sociedade se deram desde cedo quando a psicanálise buscava consolidar-se como um conhecimento científico, como já salientado anteriormente. É possível observar em textos como *Totem e tabu*, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, *Psicologia de grupo e análise do eu*, *O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar da civilização* e *Moisés e o monoteísmo* que, ao longo da vida de Freud, é revelada sua preocupação com a formação e desenvolvimento da vida psíquica e que, simultaneamente, estabelece uma ligação com as questões mais abrangentes da sociedade e da cultura.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, por exemplo, Freud tece um conjunto de argumentos que enaltecem o papel do grupo social no entendimento das ações tomadas por determinados indivíduos. Exemplo disso é que ele consegue identificar a diferença existente entre o comportamento individual solitário e a mutação que este sofre quando na coletividade. Influenciados pelas ideias do francês Gustav Le Bon, Freud assinala que:

As massas humanas exibem novamente a familiar imagem do indivíduo super forte em meio a um bando de companheiros iguais também contida em nossa representação de horda primeva. A psicologia dessa massa tal como a conhecemos das descrições aqui mencionadas – a atrofia da personalidade individual consciente, a orientação de pensamentos e sentimentos nas mesmas direções, o predomínio da afetividade e da psique consciente, a tendência a imediata execução dos propósitos que surgem –, tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade anímica primitiva como a que nos inclinamos a atribuir à horda primeva. (FREUD, 2010, p. 84)

Neste sentido, podemos notar a preocupação de Freud com o comportamento do indivíduo na coletividade, principalmente no quanto ele identifica como elementos determinantes do comportamento do ser humano nas massas².

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo de autopreservação, se faz valer. [...] Tem o sentimento de onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa. (FREUD, 2010, p.25)

As conclusões a que Freud chegou fazem parte do esforço intelectual de entender o indivíduo. Não tem como não dizer que esta obra não está dotada de um viés sociológico, uma vez que outros autores posteriormente iriam, inclusive, utilizar Freud como fundamentação teórica para o desenvolvimento de suas teorias sobre as massas, tal como os frankfurtianos que canonizaram o termo massa para se referir às grandes maiorias resultantes do processo de formação da indústria cultural.

Conforme apontado, entender o indivíduo se configura como um grande esforço do campo das ciências sociais, que pode ser encontrado, por exemplo, em autores que dedicaram suas teorias na interpretação de um ator social enquanto participante de um jogo formulado por grupos sociais. Norbert Elias, em *O processo civilizador*, foi um destes. Não apenas nesta obra, a interpretação que tece sobre o indivíduo em um determinado grupo social, esclarece não só acerca do papel de um indivíduo numa dada massa, mas também, e principalmente, como esta determinada massa acaba por gerar configurações sociais cujas aplicações se toram obrigatórias por determinados indivíduos.

² Vale ressaltar que o termo “massa” ainda não havia sido utilizado por Freud. Este se referia às “massas” como “multidões”. Dada a atualidade do termo “massa”, e como modo de facilitar o aprendizado, utilizaremos essa denominação tal qual encontrado na edição do livro consultado.

Um dos primeiros trabalhos de fôlego do sociólogo alemão, *O processo civilizador* (1994) é uma eloquente demonstração de como os manuais de etiqueta se revelam como ferramentas de moldura do ser social em relação a um determinado padrão comportamental da sociedade em permanente mutação. Esse método, por sua vez, revela um Elias que abre mão do tradicionalismo metodológico imposto pelo campo das ciências sociais, então fortemente apegado a métodos mais rígidos de investigação.

A análise encaminhada por Elias não se encaixa apenas nos limites de interpretação do social: esse empreendimento do sociólogo alemão em explicitar como as atitudes das mais variadas personalidade dos indivíduos, sendo moldadas a partir de um determinado espaço social, é resultante diretamente da abordagem de Freud, antes de qualquer outro autor.

CIVILIZAÇÃO E MAL-ESTAR

Escrito nos meados dos anos 1930, *O processo civilizador* acabou por ser reconhecido como um trabalho relevante para a sociologia somente na década de 1960. Norbert Elias, a partir do uso de uma linguagem manejada de forma mais leve e desamarrada de certos chavões próprios da sociologia do período, analisa o processo de burocratização do comportamento ao seguir uma linha de raciocínio que ora elucida as fundamentações históricas, ora revela a importância dos comportamentos individuais.

Do ponto de vista histórico, Elias atenta para uma transmissão de conhecimentos que atravessaram gerações ao longo de séculos. Podemos citar como exemplo os processos de internalização de mecanismos sociais de constrangimento a partir da difusão de determinadas práticas da etiqueta, práticas estas que avançaram pelo período medieval e chegam até os dias de hoje. Um tópico destacado por ele é o fundamental papel exercido pelos períodos de refeição e recomposição alimentar no convívio social na Idade Média. Eram através de oportunidades como essas que as relações sociais se desenvolviam (cf. Elias, 1994). O conjunto de encargos que emergiram desse processo atravessaram gerações por meio de manuais de etiquetas que se difundiram em diferentes contextos.

Neste ponto podemos destacar pistas da participação do inconsciente humano em um processo de absorção de determinados conhecimentos: tal qual como exposto pela psicanálise, determinadas regras foram transmitidas integralmente entre os indivíduos, sofrendo apenas mutações de acordo com novos fatores sociais, como segmentação de classes, rupturas históricas, etc.

Civilização: um mal-estar histórico

O que nos assegura tal afirmativa são os argumentos expostos por Elias em relação à dependência então estabelecida entre as classes na sociedade europeia ao longo do período de dois séculos. O papel da sociedade de corte (exaustivamente abordado por Elias em obra específica) fora decisivo para que um sentimento nacionalista invadisse os povos da Alemanha no decorrer do século XVIII. As diferentes cortes germânicas encontravam-se apartadas dos diferentes e isolados grupos de literatos e intelectuais, com pouca porosidade para a presença destes últimos no âmbito mais restrito das diferentes cortes. Os grupos sociais dominantes germânicos, portanto, limitavam-se a imitar a sociedade de corte francesa, mesmo quando do uso do francês como língua padrão. Paradoxalmente, só assim é possível compreender o impulso tomado pelo movimento literário germânico como reação a essa imitação por parte dos setores dominantes das diversas cortes germânicas.

O resultado não poderia ser o surgimento de novas configurações de etiqueta, mas sim de um conhecimento das regras adaptado a diferentes configurações. Caso atentemos para os estudos de Freud, veremos que um de seus argumentos faz uma analogia com a cidade de Roma³. A cidade, nos escritos do psicanalista, apresentará a qualquer visitante sua história através dos monumentos, ainda que distorcidos e modificados por restaurações seculares. A essência das instalações permanecerá intacta, atravessando configurações como espaço, tempo, além de vários incidentes sociais e bélicos, tal como a mente humana: o conhecimento permanece o mesmo, estático nas instâncias mais individuais do subconsciente (cf. Freud, 2006).

³ Abriremos mão aqui de debater divergências estabelecidas entre os historiadores e o conteúdo psicanalítico de Freud. Há um capítulo específico sobre essa temática em *Freud: conflito e cultura*, organizado por Michael Roth, 2000.

Seria plausível, então, dizer que se as regras que os indivíduos adquiriram no decorrer de seu desenvolvimento não foram apagadas no tempo – nenhuma regra desde seu princípio fora completamente esquecido – estas, por seu turno, sofreram apenas a inserção de novos fatores de controle, direcionando-as, de certo modo.

Elias não abre mão de assegurar que a essência da etiqueta surgida na Idade Média perdura até os períodos contemporâneos, tendo como aliadas as capacidades de preservação, adaptação e transmissão do conhecimento. Além do mais, é válido ressaltar que muito do que foi elaborado naquele período também encontra força em importantes rupturas históricas: ao utilizar o exemplo da Renascença, Elias sugere o nascimento constante de novas formas de coerção, que acabam por ser assumidas pelos indivíduos da grande massa.

Durante séculos aproximadamente as mesmas regras, elementares segundo nossos padrões, foram repetidas, obviamente sem criar hábitos firmes. Neste momento (Renascença), a situação muda. Aumenta a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de "bom comportamento" é colocada mais enfaticamente. (ELIAS, 1994, p.91)

Outros exemplos também enfatizam essa assertiva: as intensas mudanças sociais resultantes nos séculos posteriores aparecem mais de uma vez em *O processo civilizador*.

Em seguida, lentamente, durante o século XVI, mais cedo aqui, mais tarde ali e em quase toda a parte com numerosos reveses até bem dentro do século XVII, uma hierarquia social mais rígida começa a se firmar mais uma vez e, de elementos de origens sociais diversas forma-se uma nova classe superior, uma nova aristocracia. Exatamente por esta razão, a questão de bom comportamento uniforme torna-se cada vez mais candente, especialmente porque a estrutura alterada da nova classe alta expõe cada indivíduo de seus membros, em uma extensão sem precedentes, às pressões dos demais e do controle social. (ELIAS, 1994, p.91)

Como no auge do movimento revolucionário do século XVII, na França:

O controle das emoções, a formação disciplinada do comportamento como um todo, que sob o nome de cidade se desenvolveram na classe alta como fenômeno apenas secular, o social, como consequência de certas formas de vida social, apresentam afinidades com tendências particulares no comportamento eclesial, tradicional. A civilidade ganha um novo alicerce religioso e cristão. (ELIAS, 1994, p.111)

Essas passagens nos asseguram que a civilização avançou em função do contato social e a conseqüente transmissão de certas normas e regulamentos. A relação existente entre cultura e civilização, que atravessa sociedades e o tempo, está presente nas obras dos dois autores. Vemos que, se por um lado Freud busca desvendar como tais conceitos são necessários para a compreensão do que realmente consiste a felicidade humana, por outro Elias não mediu esforços para apresentá-los como elementos de desenvolvimento do mal-estar desde a Europa medieval.

No segundo capítulo da primeira parte da obra, encontramos indícios mais claros da relação entre as teorias de Elias e Freud, tanto no que concerne à relação entre cultura e civilização, quanto no que isso implica aos indivíduos.

O domínio das regras

Ao analisarmos toda a situação que as normas e etiquetas implicam ao ser humano, podemos retirar um conjunto sólido de conclusões, baseado nas limitações que adquirimos ao adentrarmos de forma involuntária nesse processo. As conclusões que Elias produz em *O processo civilizador* são bastante interessantes no que tange a esse aspecto. Destaquemos aqui o embasamento que o autor teve na trajetória de escrita do trabalho. Norbert Elias consultou manuais específicos do segmento, utilizando, por exemplo, *Da civilidade em crianças*, de Erasmo de Rotterdam, datado de 1530. A obra, com intensa circulação pela Europa até o século XVII, apresenta orientações específicas para a manutenção da civilidade durante a Idade Média: um prato cheio para a análise de costumes elaborada pelo sociólogo alemão. Cada tópico apresentado pelo sociólogo enaltece uma regulação apontada por Erasmo e que

causa uma coerção. Elias utiliza essa coerção/embaraço se apoderando de uma ponte com a psique humana para explicar o porquê de esse mal-estar ter sido assimilado pela sociedade.

Em exemplo encontrado n' *O processo civilizador*, Elias deixa mais claro como o desconforto causado pelo controle dos instintos humanos é nocivo ao bem-estar do comportamento humano. Observaremos agora como a relação entre indivíduo e sociedade é afetada por novas regras de comportamento e controle dos instintos corporais, administrados por um novo elemento: agora de uma repugnância que parte do inconsciente.

O maior ou menor desconforto que sentimos com pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor "bárbaro" ou "incivilizado". Tal, então, é a natureza do "mal-estar" que nos causa a "incivilização" ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal-estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrado em numerosas sociedades que chamamos de "não-civilizadas", o padrão de repugnância que precedeu o nosso, e é sua precondição. (ELIAS, 1994, p.72)

Podemos afirmar que o mal-estar nas condições apresentadas por Norbert Elias aparece como um fator de limitação social, partindo de um conjunto de fatores. O fator exposto no enxerto acima, nada mais é que o rótulo criado pela etiqueta de "não-civilizado", que passou a rondar os juízos de valor com o surgimento da etiqueta. O mal-estar é assumido na medida em que o contato social implica novas interpretações por parte dos indivíduos.

Essa busca pela uniformidade, de manutenção do "bem-estar" é semelhante ao argumento freudiano sobre a necessidade de fruição da beleza na sociedade moderna, e que nos expõe ao sofrimento na medida em que lhe dedicamos atenção. De algum modo, o "civilizado" toma espaço na sociedade contemporânea, embora, tal qual a etiqueta, essa beleza não possua emprego evidente.

A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. (FREUD, 2006, p.13)

Chama atenção, no caso de Elias, os vários momentos de *O processo civilizador* em que são dispostos argumentos referentes à *necessidade* de gerenciar certos atos nas sociedades modernas, e de maneira geral. O sociólogo deixa claro que tal *necessidade* emergiu de uma relação de dependência formada pelas pressões sociais. “Ha um círculo na corte mais ou menos limitado que inicialmente cria os modelos apenas para atender as necessidades de sua própria situação social e em conformidade com a condição psicológica correspondente a mesma”, diz ele.

Quando Elias enfatiza essa necessidade de cultivar certos modos à mesa, chega a ser mais claro. O parágrafo abaixo nos mostra com facilidade a pouca naturalidade que existia na manutenção dos costumes à mesa na sociedade francesa do século XVIII. A coerção prova a partir do exterior, tal qual assinalado também pelo fundador da psicanálise.

Coisa alguma nas maneiras a mesa é evidente por si mesma ou produto, por assim dizer, de um sentimento "natural" de delicadeza. A colher, garfo e guardanapo não foram inventados como utensílios técnicos com finalidades óbvias e claras de uso. No decorrer de séculos, na relação social e no emprego direto, suas funções foram gradualmente sendo definidas, suas formas investigadas e consolidadas. Todos os costumes no ritual em mutação, por mais insignificantes, estabeleceram-se com infinita lentidão, até mesmo formas de comportamento que nos parecem elementares ou simplesmente "razoáveis", tal como o costume de ingerir líquidos apenas com a colher. Todos os movimentos da mão – como, por exemplo, a maneira como se segura e movimentada a faca, colher e garfo – são padronizados apenas gradualmente. Há um círculo na corte mais ou menos limitado que inicialmente cria os modelos apenas para atender as necessidades de sua própria situação social e em conformidade com a condição psicológica correspondente a mesma. (ELIAS, 1994, p. 116)

Usar ou não o garfo, segurar bem a faca, são fatores de pouca importância se atentarmos para o principal objetivo do culto alimentar: assegurar a sobrevivência humana. Entretanto, foram repassadas pelas relações sociais, assumindo a cada período novas configurações. Então, é a coletividade que passa a criar e gerir o mal-estar.

Os argumentos de Elias em relação a esse mal-estar na civilidade parecem servir de complemento aos questionamentos levantados por Freud. Se fizermos uma leitura detalhada

de *O mal-estar na civilização*, veremos que a linha proposta pelo fundador da psicanálise corresponde a uma indagação, cuja resposta encontramos no trabalho de Norbert Elias.

Parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão. Sempre tendemos a considerar objetivamente a aflição das pessoas – isto é, nos colocamos, com nossas próprias necessidades e sensibilidades, nas condições delas, e então examinar quais as ocasiões que nelas encontraríamos para experimentar felicidade ou infelicidade. (FREUD, 2006, p. 16).

Se o mal-estar está presente nos trabalhos produzidos por ambos os autores, o seu oposto figura como elemento circundante de outra parte do debate. Vemos que, se todos os indivíduos estão imersos dentro de um grupo social, e este está carregado de regimentos éticos e estéticos a serem seguidos, é natural que a pressão se torne elemento cada vez mais coercitivo ao indivíduo. No caso de Sigmund Freud, já enfatizamos aqui que *Mal-estar na civilização* trata exatamente acerca dessa dicotomia entre civilização e liberdades individuais. Quando nos deparamos com Norbert Elias, vemos uma constante preocupação acerca do grau em que se encontra essa relação entre indivíduo e sociedade.

MOZART: UMA ANÁLISE ALÉM DO INDIVÍDUO

Uma das obras que aborda essa relação entre indivíduo e sociedade, *Mozart: sociologia de um gênio* nos apresenta a história do renomado compositor austríaco por meio do cruzamento entre a história do músico (formação da sua subjetividade) com as configurações da sociedade a qual ele estava vinculado. A análise inicia a partir da relação que o autor encontra entre a obra e o artista, e o modo como ela expressa o confronto do indivíduo com a sociedade. Assim, o sociólogo alemão estabelece uma série de fatores que podem ser considerados relevantes para que possamos entender o quanto a vida individual de Mozart interferiu na sua carreira.

Começemos pelo fato de Elias considerar a suposta genialidade do músico como algo que não é inato a artista algum, uma tentativa de evidenciar a abordagem a ser seguida. Em um determinado trecho, esse posicionamento é fortemente ressaltado.

Ao falar de Mozart logo nos pegamos usando expressões como "gênio inato", ou "capacidade congênita de compor"; mas tais expressões são ditas sem pensar. Se dizemos que uma característica da pessoa é inata, queremos com isso dizer que é geneticamente determinada, herdada biologicamente da mesma maneira que a cor dos cabelos ou dos olhos. Mas é simplesmente impossível para uma pessoa ter uma propensão natural, geneticamente *enraizada*, de fazer algo tão artificial como a música de Mozart. (ELIAS, 1995, p. 58)

Quando Elias comenta que é impossível explicar a genialidade de Mozart através de traços biológicos ou genéticos (coisa que, como cientista social, não lhe competia, conforme relata de modo um tanto quanto irônico) ele reitera sua profunda intenção de explicar as configurações sociais que fizeram o jovem músico austríaco receber notoriedade no campo artístico. Mais do que isso, busca explicar os motivos de o indivíduo Mozart se tornar sedento por uma modalidade de música diferenciada, o que lhe trouxe consequências graves.

Elias aponta para a história da vida de Mozart como fator crucial. No começo, Leopold Mozart, pai de Mozart, artista e funcionário da corte, direcionou o filho para adentrar no

campo da música. Aliás, fora através dessa criação em um regime *outsider* que Mozart ascendeu e produziu suas composições que lhe deram certo fôlego (cf. Elias, 1995, p.16). Vale lembrar que a condição dos músicos no âmbito da sociedade de corte restringia-se a um papel subalterno, sem possibilidades de se fazer uma música autoral, por exemplo.

Como muitas pessoas na posição de *outsider*, Mozart sofria com as humilhações impostas pelos nobres da corte, e se irritava com elas. Mas, ao lado de tais reações hostis à classe mais alta, estavam presentes fortes sentimentos positivos: era precisamente seu reconhecimento que ele desejava, era precisamente por eles que queria ser visto e tratado como homem de igual valor, por suas realizações musicais. (ELIAS, 1995, p.39)

Destaquemos aqui, ainda, a relação entre Leopold Mozart e seu filho que, embora estivesse assentada em laços afetivos, passou a ser extremamente tensa quando da independência do filho, quando este decide tomar um caminho diferente do proposto por seu pai.

A trama relatada por Norbert Elias em muito se assemelha com os tópicos expressos por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*, escrito em meados dos anos 1920. A obra apresenta argumentos que, se por um lado enaltecem a função da psique humana na atuação social do indivíduo, por outro reverenciam os fenômenos sociais que o circundam. No caso de Mozart, a interferência do pai no seu processo de formação e a consequente ruptura do filho em relação a Leopold pode ser relacionada aos sentimentos ocultados durante toda a formação do filho, de forma quase involuntária: aversão e hostilidade estiveram sempre no fundo de todo o amor exposto por Mozart em suas cartas (cf. Elias, 1994).

Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas – matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos – contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido. Isso é mais transparente nas querelas entre sócios de uma firma, ou nas queixas de um subordinado contra o seu superior. (FREUD, 2010, p. 56)

Acidentalmente, o desejo do pai de se realizar por meio de seu filho favoreceu que Mozart estabelecesse contato com outras correntes, e isso se dava através das turnês que

realizava. Com as atuações, Mozart observava outras correntes e influências musicais e a partir daí iniciava sua construção de uma ideia mais versátil daquilo que era a música e, portanto, do que era a arte.

Mozart, obrigatoriamente, necessitava manter-se valorizado – era obrigado a produzir para a nobreza para assegurar seu emprego.

O destino individual de Mozart, sua sina como ser humano único e portanto como artista único, foi muito influenciado por sua situação social, pela dependência do músico de sua época com relação à aristocracia da corte. (ELIAS, 1995, p.18)

Em determinado momento, ele recusa esse mundo e mesmo com produções próprias e seu atípico caráter inovador, acabou por se tornar uma personalidade marginal a esse grupo social, que até o momento o acolhia (cf. Elias, 1994). A sociedade em que Mozart estava inserido vinha de um longo processo de manutenção de valores. O refinamento dos modos, a atuação submissa aos aristocratas, a necessidade de manutenção de uma cultura musical. Mas essa produção sob encomenda, próprio da aristocracia de corte, já não agradava o compositor. As pressões do pai, o retrato da infelicidade pessoal e amorosa que vivia, pareciam determinar uma mudança nesse caminho.

Somada a essa grande carência afetiva e da necessidade de ser amado, Mozart detinha ao mesmo tempo um orgulho que o fazia se convencer de que era gênio e não submeter sua música aos gostos do público da corte. Em vários momentos de sua obra, Elias reitera o papel da frágil personalidade do compositor austríaco no seu processo de produção.

Embora a palavra "tragédia" soe aqui um tanto banal e grandiosa, pode-se afirmar, com alguma justiça, que o lado trágico da existência de Mozart deve-se ao fato de que ele, desde jovem, em sua luta por conseguir o amor das pessoas, não se sentiu amado por ninguém, nem mesmo por si próprio. (ELIAS, 1995, p.11)

Vemos, com Elias, que está claro que Mozart se tornara vítima de uma trama, e que aos indivíduos são impostas pressões emergentes do contato social que se tornam um fosso

intransponível para a sua satisfação pessoal. Mozart, detentor de uma grande facilidade de relacionar as notas de forma criativa e inovadora, buscava uma autonomia artística que não pode ser conquistada devido ao fato de sua obra está em desacordo com as condições objetivas impostas pela estrutura da sociedade de corte. Decaiu ano a ano, até falecer e ser enterrado como indigente em 1791, com 35 anos.

A relação entre indivíduo e grupo social apresenta configurações grandes e complexas. Seus efeitos, dentro de uma massa, atravessam o “bem-estar”. A mesma limitação presente em uma simples refeição pode ser encontrada em outros setores da vida do ser social. O declínio de Mozart é uma prova de que o indivíduo em sociedade não pode atuar de forma alheia a essas pressões e regimentos existentes.

É lícito dizer que as fartas ligações afetivas que vemos na massa bastam inteiramente para explicar uma de suas características, a falta de autonomia e de iniciativa de cada indivíduo, a similitude entre a sua reação e a de todos os demais, seu rebaixamento a indivíduo de massa, por assim dizer. (FREUD, 2010, p. 77)

Dessa forma, Elias nos mostra que os indivíduos, seguindo suas variadas atuações em seus *habitus*, integram o grupo social ora ajudando a modelar esta, ora sendo modelados. Em um determinado momento, constatamos que as sociedades estão em constante movimento: as configurações sociais variam de sociedade para sociedade, se diversificando ainda mais com o decorrer do processo histórico. Não há uma teoria geral específica para essa relação, conforme veremos ao analisarmos outra obra do sociólogo: *A sociedade de corte*.

Uma das obras que integram a essência dos pensamentos de Elias é *A sociedade de corte*. Considerado por seus comentadores um marco nos trabalhos do sociólogo alemão, o texto desvela a sociedade europeia do período do Absolutismo monárquico que tinha como aspectos fundamentais o predomínio do cristianismo e da arte barroca pré-Revolução Francesa. A sociedade de corte tinha uma composição corporativa, tal como um corpo cuja

constituição proviria da natureza. Os órgãos integrantes desse corpo eram regulamentados, tendo como elo constitutivo a tradição. É nesse ponto que chama atenção a figura do rei Luís XIV que governou a França entre 1643 e 1715.

Seguindo o proposto por Elias, e diferentemente do que normalmente se pensa, o poder do rei não era, de fato, absoluto, em função da configuração social específica a marcar a sociedade de corte. A realeza e a nobreza, mais parte da burguesia, precisam umas das outras para manter o jogo social em permanente equilíbrio instável. As regras de etiqueta instauradas e aprofundadas por Luís XIV acabaram por converter-se em estratégia de dominação e controle por parte do rei dos demais atores sociais enlaçados no jogo social. Essa sociedade concentrava na figura do rei a garantia da representação de um corpo, tendo tais aspectos como solução para a manutenção da harmonia entre todos os seus membros (cf. Elias, 1996).

Podemos dizer que é deste ponto que parte a aderência das camadas sociais a um conjunto de normas impostas pela realeza, à adaptação a costumes e normas sociais. Percebe-se que a sociedade de corte retratada pelo sociólogo alemão é um grupo social coeso a partir de uma legitimidade forjada a partir de uma dada configuração social bastante peculiar ancorada na figura de Luís XIV.

Freud nos relata em *Psicologia das massas e análise do eu* que inexistem grupo sem uma liderança, ou de uma figura paterna, de liderança que dita os rumos do grupo como um todo (cf. Freud, 2006). Isso pode nos remeter, de certo modo, ao desenho da sociedade de corte francesa daquele período. A realeza atuava como a parte sensitiva do que consiste a sociedade, cabendo-lhe zelar e garantir a harmonia do todo: fazendo do objetivo comum da sociedade a permanência em condições socialmente satisfatórias.

Não seria um equívoco dizer que tradição e cultura se comportam como ferramentas de controle e negação das condições naturais nas quais o ser humano é colocado. Ora,

obedecer a uma linhagem, por si só, já se converte em um processo de controle do instinto animal presente em qualquer indivíduo. A etiqueta também deve ser concebida como uma forma de controle na medida em que expressa uma determinada maneira de se inculcar regras e normas sociais.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud faz comentários pertinentes concernentes a esse aspecto. De certo modo, as organizações monárquicas e os polimentos por ela inseridos se comportam como opressoras de cada partícula que lhe constitui, e a adesão se torna uma ferramenta fatalmente necessária.

Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra “civilização” descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos. (FREUD, 2006, p. 17)

Vemos que a sociedade de corte francesa de transição dos séculos XVII e XVIII era formada por elites cujas relações e interdependências dos grupos sociais se operam em função da harmonia do todo, das práticas sociais, dos hábitos e normas, da etiqueta: na aristocracia, marcas representativas que se demonstravam através das suas propriedades, construções públicas, festas e atos efêmeros, através da caridade pública, por vezes, da sua prática religiosa e da sua comunhão com o poder e a cultura.

Havia uma limitação imposta por um jogo social muito superior a qualquer cortesão. Inexistia opção contrária às vontades sociais e coletivas absolutistas. A sociedade de corte era demasiadamente maciça para se limitar a uma de suas partículas, e esta, por sua vez, não possuía necessidade alguma em ceder sua zona de conforto em prol de uma causa plenamente individual. Para Elias, parece surgir a necessidade de se analisar um caso específico de ruptura com esse conjunto de regras, e que por tamanha ousadia imperou nos argumentos sobre genialidade em tom irônico.

4. Referências Bibliográficas

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**; uma história dos costumes. Trad. RuyJungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Mozart**; sociologia de um gênio. Trad. Sérgio Gomes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **A sociedade de corte**; investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Süsserkind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. VIII, nº 2, jul/dez 2005, p. 153-174.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVIII, 2006, p. 79-154.

GUYAU, Jean-Marie. **A arte do ponto de vista sociológico**. Trad. Regina Schöpke & Mauro Baladi. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996, p. 199-343.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**; a comunidade acadêmica alemã (1890-1933). Trad. Dinah Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

ROTH, Michael S. (org). **Freud, conflito e cultura**: ensaios sobre sua vida, obra e legado. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCHORSKE, Carl. **Pensando com a história**; indagações na passagem para o modernismo. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 11, n.2, out. 2005, p. 577-591.

_____. **Filosofia do amor**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

WAIZBORT, Leopoldo (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 1999.

WEBER, Max. “A „objetividade“ do conhecimento nas ciências sociais”. In: COHN, Gabriel (org.). **Max Weber**. Trad. Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 3ª ed. São Paulo: Ed.Ática, 1986, p. 79-127.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**; fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4ª ed. Brasília: Editora da UnB, 2000.

5. Cronograma

Nº	Descrição	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Leitura de textos e obras relativas à história cultural e sociologia dos intelectuais	R	R	R	R	R	R						
2	Leitura e compreensão dos textos sociológicos de Sigmund Freud	R	R	R	R	R	R						
3	Leitura das obras de Norbert Elias e apreensão do seu modelo sociológico de análise	R	R	R	R	R	R	R	R	R			
4	Cruzamento e comparação das análises de Freud com as abordagens sociológicas de Elias				R	R	R	R	R	R	R	R	
5	Apresentação Oral				R								
6	Elaboração de Resumo e Relatório Final											X	
7	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												X

R= Realizado